

Homem versus Autor: o caso do Marquês de Sade.

Rafaela Nichols Calvão¹

Quando lemos contos, narrativas, epopéias, tragédias ou comédias, saber quem escreveu é muito importante, mas essa informação nem sempre teve destaque na História da Literatura. Nos livros escritos na Antiguidade, a questão da autoria não era um fato relevante para aquela sociedade. Em muitos textos o escritor não é identificado, isso por que a literatura não possuía dono, ela circulava livremente, sem necessidade de uma assinatura. O autor não representava uma garantia, demonstrar a época em que foi escrito (verdadeira ou falsa) era a garantia pedida.

Essa situação muda com os séculos XVII e XVIII, quando a figura do autor torna-se decisiva. O autor torna-se a peça fundamental da literatura, era através da visão do autor que o texto era interpretado, que alguns acontecimentos ganhavam sentido. A biografia do autor é incorporada ao texto, como algo que não está aparente, mas essencial para a compreensão da obra. Para Foucault o autor é igualmente o princípio de certa unidade de escrita, pelo que todas as diferenças são reduzidas pelos princípios da evolução, da maturação ou da influência. Além dessa definição, o autor seria aquele que ultrapassa as contradições que podem manifestar-se numa série de textos, ele é o responsável por moldar o texto, resolver as contradições presentes no texto, ou seja, o autor seria o foco de expressão. O autor é quem pode explicar as modificação, transformações e deformações da obra.

O autor será responsável pela credibilidade da obra. Junto com o autor vem o seu contexto: a vida do autor, a data em que a obra é escrita, as circunstâncias que a obra foi escrita, ou com que objetivo. A valorização do autor, para Michel Foucault, está ligada a busca da verdade. Procurar dados da vida do autor e atribuir um dono ao texto constitui maneiras de garantir uma suposta verdade do que se lê. Todas essas questões se tornam preponderantes para a compreensão do texto literário. O anonimato, aceito na Antiguidade, a partir dos séculos VXII e XVIII não será mais suportado.

Essa visão da necessidade do autor foi revista no século XX, principalmente por Roland Barthes e Maurice Blanchot. Para esses intelectuais o autor deveria morrer,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação de História Comparada da UFRJ. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES - Brasil.

ou seja, não deveriam existir traços de autoria na obra, os textos não poderiam ter nenhuma forma de identificar quem os escreveu. Os livros são bens universais, não pertencem a uma pessoa, ou ao autor, logo esse não deveria ter propriedade sob esse bem, relembrando a questão na Antiguidade.

Para Barthes a “morte do autor” possui duas questões importantes. Uma delas é a figura do autor, que seria ilusória. A ilusão do autor está relacionada com o poder autorial, e como o autor impõe sua visão e o modo como a obra deve ser interpretada. O autor é quem controla a literatura, ele é quem institui a trama e a controla, não dando liberdade ao leitor de criar sua própria versão. “Assim, essa dissipação da ilusão autorial seria também uma devolução do, digamos assim, poder hermenêutico do leitor. Seria um tipo de revolução onde o autor é decapitado e os leitores ascedem o poder.” (RIOS: 2005, p. 28)

Com a “morte do autor”, outro personagem ganha força: o leitor. A presença do autor privaria o leitor de alterar a história, e com isso não haveria a possibilidade de interagir. O leitor seria o unificador do texto, ele seria responsável pelo sentido do texto. Sem o autor, o leitor se tornaria livre para criar seu próprio romance.

A palavra é o significante maior, para Barthes a palavra é necessária para a leitura descontínua, tentativa de dar outra organização ao texto. A organização do texto, também, seria responsabilidade do leitor, ele não precisaria seguir a ordem estipulada pelo autor, ele daria uma nova ordem, segundo seus critérios, sua lógica e interpretação. É através da palavra que as frases, os parágrafos, o texto se forma, ela é o primeiro estágio para o nascimento do texto.

Mas Barthes alerta para não cair na armadilha de analisar somente a palavra como significante, não podemos abandonar a noção de significado:

É preciso imaginar o que ocorreria se generalizássemos o método de leitura por isenção de significado. Por exemplo(entre outros): começaríamos a ler Sartre sem o significado “engajamento”. O que aconteceria então seria uma leitura soberana- soberanamente livre: todo a o superego da leitura viria abaixo- pois a lei vem sempre do significado, na medida em que ele é dado e recebido como último. (BARTHES apud CARVALHO: 2005, p. 108.)

Para Blanchot, o escritor deve ser ausência e lugar de ausência, “livro é livro quando não remete a alguém que o tenha feito, tão puro de seu nome e livre de sua essência quanto do sentido próprio daquele que lê.” (BLANCHOT: 2005, p. 335). O

escritor representa o silêncio, não haveria espaço para a voz do autor no romance, o livro deveria ser impessoal, com nada que denuncie a presença do autor.

Outra visão exposta por Blanchot sobre a questão da “morte do autor” é a que o livro já existe, “inato em nós e escrito na natureza” (BLANCHOT, op. cit., p. 332). Influenciado por Mallarmé, Blanchot acredita que o livro já existe na natureza e está ao alcance de todos, segundo o próprio Mallarmé:

Acredito que tudo isso está escrito na natureza de modo que só se deixe de olhos fechados os interessados a nada ver. Essa obra existe, todo o mundo tentou fazê-la, sem o saber; não existe um gênio ou um palerma que não tenha encontrado um traço dela, sem o saber. (MALLARMÉ apud Idem, p. 332.)

Baseado, novamente, em Mallarmé, Blanchot tem mais uma interpretação sobre a “morte do autor”, além da exposta acima. O autor deve morrer para que a obra sobressaia, o autor, com seu estilo ou sua biografia, não poderia ofuscar a obra, essa é quem deve ser o centro das atenções, e com isso, a palavra ganha destaque dentro do livro. O autor deve desaparecer dentro do livro, ele não pode ser notado, para não atrapalhar o leitor. Qualquer informação sobre a vida do autor ou sobre como a obra foi escrita poderia interferir em como o leitor analisa a obra.

Embora defenda que a interpretação e a organização do texto deva ser feita pelo leitor, Barthes não anula totalmente o autor de texto, como demonstrado no trecho acima. Quando Barthes defende a necessidade de uma interpretação que inclua o significado, ele admite que, em alguns casos, o autor ou a sociedade não são desprezíveis à compreensão da obra. Em alguns casos é essencial, como o exemplo de Sartre. Uma análise da obra de Sartre totalmente livre, sem nenhum referencial, a idéia principal do autor seria perdida, ou a interpretação poderia não contemplar a intenção do autor, e seu texto não atingiria seu objetivo.

A discussão sobre a importância do autor para a interpretação da obra é de total relevância para o estudo sobre o Marquês de Sade. As primeiras interpretações da obra sadiana foram feitas sob a ótica de sua trajetória de vida, tudo em sua literatura era relacionado com sua vida, era uma literatura presa, sem criatividade e sem possibilidades de uma interpretação diferente. Há uma discussão sobre essa influência da vida na obra, mas o importante não identificar quais autores tem razão, mas analisar a literatura do Marquês sem excluir as possibilidades existentes, ou seja, interpretar a

obra sem excluir os dados relevante da vida de Sade, mas não deixar que essa vida tão conturbada seja a única causa de sua escrita.

Embora, para Foucault o enclausuramento marcaria a obra de Sade para sempre, depois de tantos anos preso, ele jamais estaria longe das prisões, mesmo estando em liberdade, a clausura estaria em sua mente, impossibilitando-o de ser um homem livre, capaz de criar obras sem qualquer ligação com o enclausuramento. Sade nunca conheceu essa liberdade, nem em seus livros, que sempre se passavam longe da sociedade. Apesar de possuir uma grande imaginação, Sade preferiu ficar num lugar que ele conhecia bem: a clausura. A clausura está presente nos livros de Sade, principalmente nos livros utilizados na realização desse trabalho. Os personagens sadianos não são personalidades que expõem seus gostos eróticos na sociedade, são indivíduos normais, que só revelam quem realmente são nos lugares isolados, longe da sociedade. Somente na clausura esses personagens mostram a sua personalidade, pois na clausura reina o desatino, é um lugar onde todos convivem e ninguém precisa omitir seus desejos.

Essa tentativa de legitimação dada pelo autor, como ocorreu na literatura, aconteceu também no sexo, sob a perspectiva da ciência. A medicina do século XIX estudou o sexo, e produziu um discurso baseado na biologia e na moral. O sexo passou a ser alvo de estudos sobre saúde pública, sobre higiene e como manter o corpo mais puro. O sexo passou a ser regido pela medicina e não mais pelo desejo.

Os critérios de moral e saúde que controlavam o sexo, a partir do século XIX, foram impostos na tentativa de estabelecer uma “verdade”. Esse controle tinha a obrigação de racionalizar o sexo, e estabelecer o que é normal. Antes desses critérios, não havia uma ciência que tinha como seu objeto o sexo, qualquer indivíduos com alguns distúrbios ligados à questão sexual era posto em presídios ou em manicômios, ou seja, tratado como um criminoso ou um louco.

A ciência foi apenas um meio para a moral normatizar o sexo. Segundo Foucault:

É inegável que o discurso científico sobre o sexo, no século XIX, era transpassado de credulidades imemoráveis e também de ofuscações sistemáticas: recusa de ver e ouvir; mas- e, sem dúvida nisso está o ponto essencial- recusa que se referia àquilo mesmo que se fazia aparecer cuja formulação se solicitava imperiosamente. (FOUCAULT: 2009, P. 63.)

A medicina classificou o sexo, definiu padrões, definiu normas. O sexo não era algo que merecesse a atenção da ciência, antes do século XIX, era uma prática

reservada para a alcova, ou seja, lugares reclusos da sociedade, não era um assunto socialmente aceitável. Nos ambientes privados tudo era permitido, até práticas socialmente reprovadas, como o incesto, ou práticas proibidas por lei como a sodomia. Nos séculos XVII e XVIII, muitos nobres eram verdadeiros pervertidos em seus ambientes particulares, inclusive o Rei Luís XV era apontado como um degenerado, com inúmeras amantes, como Madame Du Barry e Madama de Pompadour. Outro governante da França, Filipe II, Duque de Orleans², que mantinha uma relação incestuosa com sua filha.

A medicina do sexo foi uma tentativa de ocultar o sexo, vê-lo sob a perspectiva neutra e purificada da ciência. Através da fala da medicina o sexo foi se transformando, não era mais como nas alcovas, possuía uma norma, um padrão a seguir, quem saísse desse padrão poderia ser considerado anormal, ou ainda, poderia ser um doente. E nessa época que os primeiros médicos começam a associar os desvios comportamentais relativos ao sexo como doença.

O sexo no século XIX era dividido em duas vertentes³: a relativa à reprodução e a medicina do sexo. Ambas com objetivos distintos. A medicina ligada a reprodução tinha um objetivo bem claro, ligado a questão da vida, e da natalidade, enquanto a outra vertente não tinha um objetivo tão evidente, era uma maneira de impor uma nova norma comportamental ao sexo, sob uma nova ótica, mas ainda regida pela moral.

As perversões, classificadas como comportamentos anormais, eram sinônimos de perigo, ou mesmo de morte. As diversas maneiras de sentir prazer poderiam causar mal, não só para ao indivíduo, mas para sua família e até para a sociedade, como é o caso do Marquês de Sade. Esses indivíduos que transgrediam as normas sociais e tornavam seus casos públicos deveriam ser combatidos e punidos. Mas a lei não era suficiente para tratar esses problemas, esses indivíduos não poderiam ser encaixados somente nas leis, a solução encontrada pela medicina foi transformar qualquer maneira de buscar o prazer fora do padrão de doença. Foi nessa época que surgiram doenças como o masoquismo e o sadismo, baseadas nas perversões de dois indivíduos que vieram nos séculos XVIII e XIX: o Marquês de Sade e Sarche-Masoch.

² Filipe II, Duque de Orleans foi nomeado regente do reino da França durante a minoria de idade de Luis XV, no período de 1715-1723.

³ Foucault

Entre os médicos que pesquisaram e diagnosticaram essas novas doenças, um merece nosso destaque: Krafft-Ebing⁴. Esse médico foi o responsável por pesquisar talvez a psicopatia mais popular do ocidente: o sadismo. Em sua obra mais famosa *Psychopathia Sexualis*, lançado em 1886, Krafft-Ebing fez a primeira grande síntese das concepções médicas sobre aquilo que viria a ser concebido tecnicamente como "perversões". O trabalho de Krafft-Ebing constitui, nesse momento histórico, um texto unificador dos conhecimentos até então elaborados de maneira difusa e assistemática no campo médico-psiquiátrico.

A noção de reprodução é a base para Krafft-Ebing distinguir o que é um sexo natural, normal, de um sexo anormal. O sexo com fins reprodutivos e o prazer fruto dessa reação foram classificados como naturais, benéficos. O prazer fruto da luxúria, de relações que não tem na preservação da espécie seu principal objetivo foram considerados impróprios. Apoiado num princípio biológico, para esse médico as relações que apenas visam o prazer são prejudiciais para a sociedade, pois inibem a reprodução. Deverão ser consideradas como "perversão sexual" todas as formas de obter prazer cujo objetivo não seja a preservação da espécie.

O prefácio da *Psychopathia Sexualis* explicita que a proposta desse estudo é a de examinar cientificamente "os sintomas psicopatológicos da vida sexual, de conduzi-los a sua origem e deduzir as leis de seu desenvolvimento e de suas causas" (PEREIRA: 2009, p. 3) esse seria um bem para a sociedade, de utilidade pública, de real importância para todos, inclusive os acadêmicos, que teriam um catálogo sobre as perversões sexuais.

A obra trata de diversos assuntos, como a impotência, a frigidez, a homossexualidade, o sadismo e o masoquismo, o fetichismo e o exibicionismo. Sadismo e masoquismo encontram nesse texto, pela primeira vez, uma definição propriamente médica que teria uma grande repercussão entre os especialistas e os leigos.

A obra *Psychopathia Sexualis* foi responsável por uma imagem do Marquês de Sade associada a uma psicopatia, o sadismo. A noção de sadismo encontra-se descrita em termos médicos, de modo a caracterizar de maneira clara uma forma aberrante de

⁴ Richard von Krafft-Ebing (1840 - 1902) foi um psiquiatra alemão e professor de psiquiatria na Universidade de Estrasburgo.

comportamento sexual na qual o prazer só pode ocorrer à condição de se encontrarem associadas crueldade ativa, violência ativa e volúpia. .

Essa imagem divulgada por Krafft-Ebing se torna mais forte com o aparecimento dos manuscritos de Os 120 dias de Sodoma e de outras obras secundárias que Sade achava que nunca mais seriam vistas. Esses textos surgem no momento que *Psychopathia Sexualis* era lançada, com sua noção de sadismo, ratificando a imagem de crueldade associada ao nome do Marquês. Para os cientista e pesquisadores do campo da medicina sexual o aparecimento dos manuscritos foi de extrema importância para a classificação das aberrações sexuais.

Krafft-Ebing divulgou a imagem de um Marquês de Sade que tem prazer apenas na violência aplicada a outros indivíduos, que é um indivíduo cruel, que sua vida foi uma orgia sem fim, que seus livros foram autobiográficos. A imagem que perpetuou foi a do sádico, e não a do Sade. O autor Sade é outro indivíduo diferente do homem Sade. Há uma dissonância entre as figuras do homem e do autor

Donatien Alphonse François de Sade (1740-1814) apesar de ser um nobre, de uma família tradicional, nunca foi um membro realmente aceito pela sociedade, quando jovem era malvisto pelos seus atos. Passou quase metade da vida preso, e depois de solto, mesmo trabalhando para o governo, não conseguiu ter sua liberdade garantida, pois foi denunciado por suas publicações, que foram censuradas. Ele não conseguiu liberdade nem estando livre. Era um homem solitário, sem pares, era “de si próprio o único semelhante”. (BEAUVOIR: 1961, p. 19)

A palavra é o significante maior, para Barthes a palavra é necessária para a leitura descontínua, tentativa de dar outra organização ao texto. A organização do texto, também, seria responsabilidade do leitor, ele não precisaria seguir a ordem estipulada pelo autor, ele daria uma nova ordem, segundo seus critérios, sua lógica e interpretação. É através da palavra que as frases, os parágrafos, o texto se forma, ela é o primeiro estágio para o nascimento do texto.

Mas Barthes alerta para não cair na armadilha de analisar somente a palavra como significante, não podemos abandonar a noção de significado:

É preciso imaginar o que ocorreria se generalizássemos o método de leitura por isenção de significado. Por exemplo(entre outros): começaríamos a ler Sartre sem o significado “engajamento”. O que aconteceria então seria uma leitura soberana- soberanamente livre: todo a o superego da leitura viria abaixo- pois a lei vem sempre do significado, na medida em que ele é dado e recebido como último. (BARTHES apud CARVALHO: 2005, p. 108.)

Foi na prisão que Sade começou a carreira de escritor e desenvolveu seu sistema de pensamento. Durante 1777 e 1790, o maior tempo que ficou preso, ele escreveu algumas de suas grandes obras, como “ Diálogos entre um padre e um moribundo”.

Após a Revolução Francesa, Sade era somente Donatien Alphonse François de Sade, não era mais marquês, era um cidadão comum, e agora pobre, pois a Revolução havia tomado seus bens. É neste contexto que ele começa a escrever para sobreviver, em 1795 escreve a “Filosofia na Alcova”.

Contrariando a ideia do senso comum sobre o Marquês de Sade, meses depois de sua libertação, aconteceu algo inusitado, e ele se apaixonou. A garota era uma atriz e tinha um pouco mais que a metade de sua idade, seu nome era Marie-Constance Quesnet, eles ficariam juntos até a sua morte.

A vida do Marquês de Sade foi repleta de contradições, por suas posições políticas controversas e sua literatura ele foi perseguido e tachado de louco. O Marquês definiu sua situação nas seguintes palavras, escritas em sua lápide:

Vós que por aqui passais/Ajoelhai-vos e dizei uma prece/
Junto ao mais desgraçado dos homen./ Ele nasceu no século passado./ E veio a morrer no nosso./
A tirania, de aspecto horrendo./ Fez guerra a ele a cada momento./ Qual besta-fera, à força da lei real./
Quase que lhe tira a vida./ No tempo do Terror uma vez mais levantou-se/
Para arrastar Sade até o abismo da morte./ No tempo do Cônsul viveu novamente./
E Sade continuou a sua eterna Vítima. (THOMAS, 1992, p. 206).

Embora a literatura escrita pelo Divino Marquês⁵ fosse repleta de orgias, assassinatos entre outras torturas, sua vida não possuía essa agitação. Mas essa vida, sem a maldade exposta pelos seus personagens, não legitimaria o discurso científico de Krafft-Ebing sobre o sadismo. Uma perversão sobre um homem que passou 27 anos preso, que possui apenas dois casos envolvendo tentativas de tortura ou assassinato, e um deles sem confirmação. Baseada na vida de Sade, essa perversão perderia o valor, afinal um homem capaz de escrever todas aquelas atrocidade deve ser capaz de cometê-las. Então a imagem sádica do Marquês permaneceu para dar veracidade ao discurso da ciência.

⁵ Era assim chamado pelos surrealistas.

O autor Sade tornou-se o “verdadeiro” Sade para a História, enquanto o homem foi esquecido. Voltando a noção de autor exposta por Foucault, nos séculos XVII e XVIII, a figura do autor surge para dar crédito a sua obra, é isso que acontece nos textos do Marquês de Sade, só que a imagem invocada é a da obra de Krafft-Ebing, o livro criou o autor, Sade era vítima de sua própria literatura.

Essa imagem sádica deu veracidade às situações descritas no *Psychopathia Sexualis*. O sadismo ganhou o status de verdade, de garantia por que sua “inspiração” era um verdadeiro monstro, capaz de cometer atrocidades. O Marquês de Sade virou sinônimo de sexo violento, qualquer pessoa que usa violência durante uma relação sexual seria comparada ao Marquês de Sade, pois ambos seriam sádicos. Embora o prazer de Sade seja fruto de atos transgressores, não necessariamente violentos, a imagem da violência, presente em seus livros, foi a que perdurou para os séculos seguintes.

A violência é apenas um complemento para o sadiano obter prazer, se a violência é consentida, não há transgressão, logo não existe prazer. A transgressão é necessária, ela é o fator principal para a possibilidade de caracterizar se o indivíduo é um sadiano. .

A literatura criou o Marquês de Sade, ou o Marquês de Sade criou a literatura? Responder a essa pergunta é uma tarefa difícil. Segundo Carlos Antonio Aguirre Rojas o indivíduo é, ao mesmo tempo, criador e criatura de sua obra, e do impacto social que ela provoca.

Fernand Braudel es tan autor de ese Mediterráneo como hijo, producto y resultado del impacto social que dicho trabajo tuvo, y que por lo tanto Braudel es igual título que creador, también creación derivada de su propia obra, fruto resultante de los singulares destinos de ese mismo libro referido.
(ROJAS: 2000, p. 32)

Assim como Rojas pensa a figura de Braudel, podemos pensar a figura de Sade, e que esse foi pai e filho de sua obra. Sade foi filho no momento que seus livros construíram uma imagem que não corresponderia totalmente à verdadeira imagem do Marquês de Sade. A idéia que as experiências contidas nos livros de Sade foram vividas por ele é muito forte, o leitor de seus livros tem a impressão que Sade experimentou todas as 600 paixões⁶.

⁶Referente a “Os 120 dias de Sodoma”.

Por vezes esquecemos que esse autor viveu numa determinada época e que essa o influenciou. Contudo, analisar o contexto “não se trata de reduzir as condutas a comportamentos-tipos, mas interpretar as vicissitudes biográficas à luz de um contexto que as torne possíveis e, logo, normais.” (LEVI: 1996. p. 176). Tentar entender o Marquês de Sade como um homem de seu tempo, que mesmo tendo suas singularidades, também sofreu influências de seu contexto.

Rojas entende como contexto:

“(…) como una realidade mas bien heterogénea y estratificada, en donde los efectos de las acciones de ese individuo no son los mismos considerados en su inmediatez, que si los analizamos desde una perspectiva temporal un poco mas amplia, enmarcándolos dentro de su correspondiente conyuntura, ni tampoco si intentamos resituarlos desde la visión mas general de su impacto en la larga duración.”(ROJAS: op. cit., p. 34)

O indivíduo sofre influências por todos os lados, de todas as partes e não somente o político, ou o econômico. O contexto deve ser visto sob uma perspectiva ampla, abarcando todas as dimensões, e não ficando restrito a determinadas visões. Tentar entender Sade não apenas sob o prisma da política, ou da moral, mas tentar entendê-lo sob tudo o que pode influenciá-lo.

Embora o Marquês de Sade tenha freqüentado salões filosóficos, como o salão de D’Holbach⁷, um fator essencial na sua trajetória, o contexto vivido pela França, entre os anos de 1789 à 1815, marcou profundamente sua vida e sua escrita. Sade tornou-se inimigo dos Revolucionários e de Napoleão. Não se sabe sua real posição política, se era a favor da revolução ou se queria que a França voltasse ao que era, “(…) o marquês sempre foi um homem só: dividido politicamente, crítico do Ancien Régime e da Revolução Francesa, era malvisto pela aristocracia e acusado de defensor da nobreza pela burguesia ascendente.” (MORAES: 2006, p. 44/5).

Entre os vários acontecimentos ocorridos na vida do Divino Marquês, as inúmeras prisões foram essenciais em sua formação. Preso por vários motivos, que vão desde de crimes cometidos contra prostitutas até a autoria de livros licenciosos, inclusive por não pagar impostos. Seus isolamentos nem sempre foram ligados a crimes sexuais ou a autoria de seus livros.

⁷ Paul-Henri Thiry, Barão d’Holbach, autor, filósofo, enciclopedista e proeminente figura na França Iluminista

Um erro recorrente quando estudamos um indivíduo, como o caso de Marquês de Sade, é a ideia de que há uma coerência que guia o indivíduo e todas as suas atitudes seguem essa coerência. Os indivíduos não são coerentes a vida inteira, eles possuem momentos de incoerência, de ações que não tem uma explicação racional. Não há como ver a vida do indivíduo/objeto de uma maneira linear e fechado, ou guiada somente por um determinado pensamento, e que ele não muda de ideologia, ou faz algo sem pensar, esse tipo de interpretação desumaniza o indivíduo, tornando-o sua vida algo totalmente previsível e sem grandes mudanças. Sade expressa a falta de linearidade de seu pensamento através de uma correspondência com seu advogado Gaufridy, escrita em 5 de dezembro de 1791:

Primeiramente na qualidade de homem de letras, a obrigação que tenho diariamente de trabalhar ora por um partido, ora em favor de outro, estabelece uma mobilidade de meus ares de que se resente minha maneira interior de pensar. Quer sondá-la? Ela não se acha verdadeiramente em nenhum dos dois partidos, é antes um composto de todos. Sou anti-jacobino. Odeio-os até à morte. Adoro o Rei, mas detesto os antigos abusos; gosot de uma infinidade de artigos da Consituição, outros me revoltam. Quero que dêem à nobreza seu resplendor, porque tirar-lhe nada adianta. Quero que o Rei seja o chefe da nação. Não quero absolutamente a Assembléia Nacional, mas duas Câmaras como na Inglaterra, o que dá ao Rei uma autoridade mitigada, medida pelo comcurso de uma nação necessariamente dividida em duas ordens. A terceira é inútil, nada quero dela. Eis minha profissão de fé. Que sou agora? Aristocrata ou democrata? Queira dizer-me, por favor, advogado, porque cá por mim nada sei. (SADE apud DESBORDES : 1968, p. 219.)

Para tentar entender o pensamento do Marquês de Sade é preciso negar a existência de uma linearidade, pois sua vida possui muitas contradições. Uma das contradições vividas por Sade é o seu relacionamento com Marie-Constance Quesnet, embora em seus livros Sade prege orgias e que os indivíduos não deveriam se prender a ninguém, Sade permaneceu casado com Marie-Constance até sua morte, ao invés de ficar solteiro, como a maioria de seus personagens⁸.

Sade não segue o modelo de seus personagens, sua vida não foi guiada pelo mal e pela transgressão, como sua literatura. A vida e a literatura nem sempre correspondem, no caso de Sade é assim. Sua vida e sua obra não são complementares, ao contrário, sua obra expõe um pensamento, não uma prática. Pela própria vida do Marquês podemos comprovar essa afirmação. Por estar pobre, após sair da prisão em 1790, ele não teria

⁸ O Marquês de Sade conheceu Marie-Constance Quesnet quando saiu da prisão em 1790, sem nenhum dinheiro e sem suas terras, confiscadas pela Revolução.

dinheiro para realizar suas orgias, contratando várias prostitutas ou alugando casas, bancando orgias e tendo um aparato de máquinas de tortura. A Revolução confisca todos os bens de Sade, e acaba com a nobreza na França, ou seja ele não tinha posses e nem título, a sociedade não era mais com no Antigos Regime, que somente ter um título já era suficiente.

Assim como é a vida de Sade é seu pensamento, não há uma linearidade, seu pensamento está repleto de nuances. Sade se contradiz em algumas questões, como em relação entre a igualdade entre homens e mulheres. Como Diderot e Voltaire, ele condena que as famílias coordenem a vida das meninas, que as mandem para um convento, e arranjem casamentos, em que elas nem conheçam seus noivos. Como os filósofos, ele condena, também, a dupla moral da sociedade, a obrigação de pureza e castidade da mulher, obrigando-a a seguir o caminho da virtude.

Mas as opiniões destoam quando analisamos essa noção sadiana mais a fundo. Pois para Sade nenhum homem pode converter qualquer mulher em propriedade, mas nenhuma mulher pode se negar a entregar-se a qualquer homem. A mulher tem a obrigação de submeter-se ao desejo de qualquer homem que a queira, desde que esse não a transforme em propriedade, a recusa da mulher em se deitar com algum homem é passível de punição.

Em seu livro “Os Cento e Vinte dias de Sodoma”, Sade se expressa através de um de seus personagens mais libertinos, o Duque de Blangis, outra opinião sobre as mulheres:

Frágeis e agrilhoadas criaturas destinadas exclusivamente a nossos prazeres, creio que não vos iludistes supondo que a ascendência igualmente absoluta e ridícula que vos iludistes supondo que vos é dada no mundo exterior vos seria concedida neste lugar; mil vezes mais subjugadas do que os possíveis escravos, só deveis esperar humilhação, e a obediência é a única virtude cujo uso vos recomendo; ela e nenhuma outra serve ao vosso estado presente.(SADE: 1969, p. 56/57)

Com a busca da coerência, podemos cair numa armadilha, chamada por Bourdieu de “ilusão biográfica”. Esse conceito se baseia em enxergar a vida do biografado como uma sucessão de fatos lógicos, como se a vida tivesse um sentido a seguir. O pesquisador busca lógica na vida do objeto, mesmo não havendo nenhuma.

Essa procura é tão incessante que o pesquisador acaba produzindo essa lógica, como num romance, onde o personagem tem uma vida totalmente linear e coerente, e

todas as suas atitudes são pensadas, e seguem uma orientação, sua vida tem um objetivo, que desde sempre esse indivíduo perseguiu.

Tudo leva a crer que o relato de vida tende a aproximar-se do modelo oficial da apresentação oficial de si, carteira de identidade, ficha de estado civil, currículo vitae, biografia oficial, bem como a filosofia da identidade que o sustenta, quando mais nos aproximamos dos interrogatórios oficiais- cujo limite é a investigação judiciária ou policial-, afastando-se ao mesmo tempo das trocas íntimas entre familiares e da lógica da confidência que prevalece nesses mercados protegidos. (BOUDIEU: p. 184)

Esse tipo de interpretação é frequentemente usada para analisar as práticas do Divino Marquês, ou sua opção pelo mal. A necessidade de uma origem de sua maldade, e de seu comportamento, leva os pesquisadores a analisar a infância do Marquês como os primeiros indícios de suas futuras atitudes. Como um caso ocorrido em sua infância, com apenas quatro anos, Sade surrou o príncipe Louis-Joseph de oito anos, filho dos donos do Palácio onde vivia. A briga ocorreu porque Louis-Joseph defendeu sua superioridade tanto em posição social quanto em idade.

O ocorrido é interpretado como o gênesis do monstro, é nessa época que nasce esse ser tão perigoso para a sociedade. Essa visão nos leva a pensar que uma criança de quatro anos já fosse capaz de formular uma filosofia baseada no mal, e não que simplesmente fosse uma criança agressiva, como outras. Embora crianças possam brigar com outras, no caso de Sade isso significa que ele desde criança já demonstrava sinais de sua futura violência.

A infância de Sade foi marcada por pequenos ímpetos de violência, e a partir desse fato os pesquisadores concluem sua violência como algo inato. Mas não percebem que na verdade estão escolhendo a opção mais fácil de se analisar o indivíduo, a ilusão biográfica, e tentam achar lógica e coerência na vida do biografado, sendo que não temos esse coerência em nós mesmo, em nossas vidas.

Outro fator ignorado é em relação às possibilidades oferecida pelo contexto. O autor nem sempre é livre para escrever ou fazer o que quer numa determinada época, “Os intelectuais pertencem ao seu tempo. São arrebanhados pelas políticas de representações para as sociedade massificadas, materializadas pela indústria de informação ou dos meios de comunicação(...)” (SAID: 2005, p. 35/6)

Sade também teve suas limitações impostas pelo contexto, como suas prisões. Embora muito autores acreditem que o escritor Sade surgiu somente com seu

isolamento, como Eliane Robert Moraes; sua vida confinado foi atravessada por limitações, como a proibição de escrever, o que o levou a isso “Os cento e vinte dias de Sodoma” num rolo de papel que pudesse ser escondido. Sade necessitava de sua família para ter o conforto a que estava acostumado.

Quando Sade foi solta da prisão, escreveu seus livros não só por prazer, ou para criticar a sociedade, mas para tentar ganhar dinheiro, em decorrência desse objetivo ele não assinava os livros, como no caso de “A Filosofia na Alcova”. Sade nem sempre foi guiado por sua filosofia, por vezes suas necessidades eram suas principais prioridades. Por isso ele não assina algumas obras, além do dinheiro o medo de ir para a prisão. Essa necessidade de Sade foi documentada em um de suas muitas correspondências a seu advogado Gaufridy, escrita em 12 de junho de 1791)

Estão imprimindo um romance meu. Mas muito imoral para ser enviado a um homem tão distinto, tão piedoso e tão decente quanto você. Precisava de dinheiro, meu editor pediu-me bem “apimentado”, e fi-lo capaz de empestar o dibo. Chamei-o Justine ou Os Infortúnios da Virtude. Queime-o, não leia nada dele se por acaso cair nas suas mãos. Eu o renego. (SADE apud DESBORDES: idem, p 216.)

É com esse objetivo trabalha como secretário da sessão de Piques, ajudando a revolução, a mesma que retirou suas riquezas. Vemos a posição de Sade em uma de suas correspondências:

Quanto a mim, consigo ver meu destino com toda a clareza: depois de me terem desonrado, sequestrado, arruinado e transformado em bufão irresponsável, tentarão me fazer passar por louco. Irei da prisão ao asilo , amanos que seja degolado antes. Evidentemente, tomei a precaução de me fingir de patriota. Haveréis de rir se me ouvisses na *Section des piques* (que nome!) fazendo discursos inflamados quanto os dos cidadãos. (SADE apud SOLLERS: 2001, p 84)

Todas essa facetas do Marquês de Sade por vezes são negligenciadas para que a sua face mais obscura possa aparecer. A análise feita de Sade, por muitos, é baseada somente nas representações presentes em sua obra, e não no homem que ele foi. O autor Marquês de Sade superou Donatien Alphonse François de Sade. Todo o contexto e vida de Sade não são peças para esse quebra-cabeça, Tudo o que precisamos para pensar quem foi o Marquês de Sade nos foi fornecido por Krafft-Ebing, toda a sua representação como louco, maníaco e doente. Mas essa representação foi útil para certificar a patologia estudada por esse médico, essa imagem foi construída para dar veracidade ao discurso científico do século XIX, o autor Sade, essa figura do mal, foi

eleita como o “verdadeiro” Sade, enquanto o homem Sade foi apagado da História. Entre o sádico e o sadiano existe um abismo. O personagem Sade foi criado para legitimar uma obra científica, sua literatura deu respaldo para o livro de Krafft-Ebing. Mas quem era o “verdadeiro” Donatien Alphonse François de Sade, o Marquês de Sade, isso depende de qual representação você escolherá.

Referências

Fontes

SADE, D. A. F.. **A Filosofia na Alcova**. Rio de Janeiro: J.C.M., 1968.

_____. **Os Cento e Vinte Dias de Sodoma**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

Bibliografia

BARTHES, Roland. **Sade, Fourier, Loiola**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BATAILLE, George. **O Erotismo**. Lisboa: Moraes Editores, 1980.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BEAUVOIR, Simone de. Deve-se queimar Sade? In: **Novelas do Marquês de Sade**, São Paulo: Difel, 1961

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BRETONNE, Restif de **A Anti Justine** ou As delícias do amor. Porto Alegre: L&M, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I- A vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2009.

_____, **O que é um autor**, Lisboa: Passagens/Vega, 2002.

GIANNATTASIO, Gabriel. **Sade - Um anjo Negro da Modernidade**. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

KLOSSOWSKI, Pierre. **Sade, meu próximo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003

MORAES, Eliane. **Lições de Sade: Ensaio Sobre a Imaginação Libertina**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

PEREIRA, Mário Eduardo Costa. **Krafft-Ebing, a Psychopathia Sexualis e a criação da noção médica de sadismo.** Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol.12 no.2 São Paulo Junho 2009.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142009000200011, acessado no dia 8/12/2010.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La Biografia como Género Historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: **O Biográfico: perspectivas interdisciplinares.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SAID, Edward. **Representações do intelectual.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SCHMIDT, Benito Bisso. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na História, no Jornalismo, na Literatura e no Cinema. In: **O Biográfico: perspectivas interdisciplinares.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

SOLLERS, Phileppe. **Sade contra o Ser Supremo.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

THOMAS, Donald. **Marquês de Sade: O Filósofo Libertino.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

TROUSSON, Raymond. Romance e Libertinagem no Século XVIII na França. In: **Libertinos Libertários.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.